
A cobertura do futebol olímpico e paralímpico no Globoesporte.com durante os Jogos Rio 2016

Yuri Cougo DIAS¹
Taiane de Oliveira VOLCAN²
Cristiane Pinto PEREIRA³
Universidade da Região da Campanha, Bagé, RS

RESUMO

O presente trabalho tem como finalidade verificar as diferenças e semelhanças na cobertura do futebol olímpico com o paralímpico, na perspectiva do portal Globoesporte.com. Com base nesse objetivo, a pesquisa se desenvolveu em três ações: comparação da quantidade e o enfoque temático das matérias publicadas sobre o futebol nas Olimpíadas com os textos desta modalidade, postados no período das Paralimpíadas; verificação da estrutura das reportagens e análise da representação do jogador de futebol no portal. A pesquisa quali-quantitativa e descritiva, utilizou o método de análise de conteúdo. Os resultados apontaram para uma drástica diferença de cobertura da Olimpíada com a Paralimpíada, no que diz respeito a aspectos de linguagem, enfoque temático e a representação dos jogadores nas matérias.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; futebol; olimpíadas; paralimpíadas.

Introdução

Fora o aspecto competitivo, o esporte também serve como uma importante ferramenta para transformação social, principalmente quando o atleta vive em zonas de conflito e de vulnerabilidade. E quando este desportista alcança resultados expressivos, ele ganha status de ídolo, servindo de inspiração para que jovens realizem seus sonhos, sejam eles no segmento esportivo ou até mesmo no cotidiano.

Esporte mais popular do país, o futebol tem como característica o alcance em todas as camadas da sociedade. É normal constatar jovens jogando no meio da rua, com bola e goleiras adaptadas. A cultura popular e a identidade do povo brasileiro têm várias ligações com o esporte, isso em vários tipos de manifestações artísticas, inclusive, para muitos estudiosos, o futebol e seus atores são o reflexo da sociedade. A paixão é

¹ Recém-graduado do Curso de Jornalismo da Universidade da Região da Campanha - URCAMP, e-mail: yuricougodias@gmail.com.

² Doutoranda do Curso de Letras e Pesquisadora da Universidade Católica de Pelotas - UCPEL, e-mail: taianevolcan@gmail.com.

³ Cristiane Pinto Pereira. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade da Região da Campanha - URCAMP, e-mail: cripereira@hotmail.com.

tamanha ao ponto de que o brasileiro eleva a escolha do time às mesmas proporções tomadas para definição do nome e da religião a ser seguida.

Um dos momentos ápices do esporte é o período olímpico, cujos jogos modernos tiveram sua primeira edição em 1896, na cidade de Atenas (Grécia), baseados em preceitos de jogo limpo, ética, respeito e promoção da paz e união entre nações. Anos depois, inspirado nos mesmos princípios, o neurologista alemão Ludwig Guttmann, deu os primeiros passos para criar o que, atualmente, é conhecido como os Jogos Paralímpicos. Para recuperar os militares da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o médico criou o Hospital de Reabilitação de StokeMandeville, em Aylesbury. Em 1948, cria os “Jogos de StokeMandeville”, cuja modalidade era o tiro com arco em cadeira de rodas. Já a primeira Paralimpíada ocorreu na cidade de Roma. Depois, o torneio passou a ser de quatro em quatro anos, sempre na cidade-sede da Olimpíada.

Em meio à lista de esportes dos jogos olímpicos está o futebol, que tem a seleção brasileira como a maior campeã, com cinco títulos mundiais, e que ostenta o feito de ser a única que participou de todas as edições da Copa do Mundo. O Brasil também é representado com êxito no futebol paralímpico, em duas modalidades. O futebol de cinco, destinado aos deficientes visuais, integra o quadro das Paralimpíadas desde 2004, em Atenas. Até o Rio, em 2016, a seleção nacional venceu todas as edições. A outra é o futebol de sete, para portadores de paralisia cerebral, que faz parte dos jogos desde Stoke Mandeville/Nova York, em 1984. O histórico do Brasil é de uma medalha de prata e duas de bronze.

Mesmo com o bom retrospecto, o futebol paralímpico não alcança os mesmos patamares que o futebol convencional, e na mídia isso não é diferente. Com a realização dos jogos Olímpicos e Paralímpicos em solo brasileiro, os veículos de comunicação tiveram uma maior aproximação com o tema. No cenário jornalístico, o Globoesporte.com, vinculado ao G1, disponibilizou profissionais durante as 24 horas do dia para a cobertura.

Com base nesse contexto, a presente pesquisa levanta o seguinte questionamento: quais as diferenças e semelhanças na cobertura do futebol olímpico para o futebol paralímpico? Na tentativa de sanar a problemática, esta investigação tem como finalidade comparar a cobertura no Globoesporte.com, durante os jogos Rio 2016. A ação se apoia em três objetivos específicos: comparar a quantidade e o enfoque temático das matérias publicadas sobre futebol nas Olimpíadas com os textos desta

modalidade postados nas Paralimpíadas; verificar a estrutura das matérias publicadas e analisar a representação do jogador de futebol no portal. Os resultados da averiguação foram obtidos por uma abordagem quali-quantitativa, com pesquisa descritiva, amparada pelo método de análise de conteúdo. Todas essas ações foram feitas com base nas reportagens de futebol coletadas durante os jogos, ou seja, de 3 a 21 de agosto de 2016 (Olimpíadas), e de 7 a 18 de setembro de 2016 (Paralimpíadas).

Jornalismo esportivo: conceitos e técnicas

O conceito de jornalismo esportivo pode ser apresentado com abordagens diferenciadas entre os autores do gênero. A primeira definição, nesta pesquisa, é a de Tubino, M., Tubino, F. Garrido, F. (2007). Para os autores, é a atividade especializada dentro do jornalismo que traz informações, opiniões e análises de clubes, modalidades, entidades, dirigentes ou outros aspectos considerados importantes dentro da área. O esporte é também um estímulo à vida saudável e à inclusão social, que fica mais evidente nas coberturas feitas em torneios olímpicos, quando atletas brasileiros, advindos de projetos governamentais em periferias, conquistam medalhas ou obtêm resultados expressivos.

No livro “Jornalismo Esportivo”, Paulo Vinícius Coelho (2011) explica que, na maioria dos casos, a cobertura do segmento se divide na equipe que cuida especificamente do futebol e dos profissionais que transmitem informações das demais modalidades. Ou seja, o jornalista que cobre basquete, tende a ficar responsável, também, pela produção de matérias sobre vôlei, atletismo, boxe etc. Esse contexto faz com que atletas e ex-atletas sejam contratados para transmissões de TV e do rádio quando é necessário um aprofundamento técnico da modalidade.

Após a explanação do conceito de jornalismo esportivo e o critério utilizado para divisão das redações brasileiras, eis algumas considerações no que tange à pauta do segmento. Patrícia Rangel e Heródoto Barbeiro (2006), em “Manual do Jornalismo Esportivo”, comentam que a rotina do repórter está ligada à agenda de eventos. No futebol há jogos quase diariamente e, na véspera de cada partida, os veículos de comunicação se abastecem com informações relacionadas à preparação de cada time. No pós-jogo, o conteúdo se concentra nas tradicionais coletivas de imprensa e nos comentários feitos pelos analistas esportivos, sobre o resultado da partida e as perspectivas para o restante do campeonato ou temporada.

Dessa forma, a pauta no jornalismo esportivo tem como base o calendário das modalidades, permitindo, assim, que o repórter monte um planejamento para vários dias. Porém, esse ritmo de trabalho adotado dentro do segmento é alvo de críticas. Barbeiro e Rangel (2006) argumentam que esse modelo faz com que não haja diferença nas notícias entre os veículos. E com isso, temas considerados importantes, como o cumprimento da defesa do torcedor e consumidor; a relação do esporte com as políticas públicas; a violência nos complexos esportivos e a importância dos projetos sociais têm coberturas aquém do esperado. Na visão de Luciano Maluly (2010), a procura por modalidades pouco conhecidas é uma forma de diversificar as opções de conteúdo para o consumidor. A medida, conforme o autor, também ocasiona na atração de possíveis investidores. Entretanto, a tarefa não é nada fácil. Pelo fato dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos terem ocorrido no Brasil, Marcelo Cardoso (2016) acredita que os eventos tenham servido como uma oportunidade para que os jornalistas refletissem sobre o tipo de abordagem das pautas e a contribuição social a ser gerada com o conteúdo.

Webjornalismo

Como a exploração de conteúdo decorre num portal on-line, eis alguns conceitos de webjornalismo e webjornalismo esportivo. Conhecido pela linguagem objetiva e utilização de recursos tecnológicos para impulso do material, a autora Pollyana Ferrari (2010) destaca que a construção de pautas no webjornalismo deve ser tratada com uma visão multidisciplinar por parte do repórter. Neste contexto, Thiara Reges (2011) complementa com uma classificação de cinco características primordiais para esse processo: interatividade, que dá direito às sugestões, colaborações e críticas sobre as notícias; personalização, responsável por impulsionar a relação desenvolvida entre o canal e o receptor; a hipertextualidade, que aprofunda a informação procurada pelo usuário; multimídia, uma alternativa para expandir o produto jornalístico em vários formatos (áudio, vídeo, foto ou texto) e a memória, pelo fato do conteúdo ficar disponível ao internauta, após a matéria ter sido publicada.

Em termos de estrutura, Ferrari (2010) destaca que um texto veiculado em mídias eletrônicas deve ser composto por sentenças concisas, simples e com uma ideia por período. O ideal, segundo a pesquisadora, é que a história seja narrada em mil caracteres, visto que há a possibilidade de inclusão de links, cujo propósito é ocasionar mais profundidade ao conteúdo.

Webjornalismo esportivo

Na área esportiva, a velocidade é uma das principais características dentro do webjornalismo. Neste primeiro eixo do debate, Frange (2016) traz conceitos ligados aos critérios para escolha das reportagens. Ele aponta que uma das necessidades diárias para garantia de um bom material é a edição e revisão da matéria, antes de ser publicada. No ambiente digital, essa última fase do processo não acontece de modo eficaz, segundo o autor, a velocidade faz com que produção perca profundidade nos conteúdos abordados.

Em relação às possibilidades dos recursos de vídeos para a reportagem de internet e os rumos da produção desse segmento, Frange (2016) afirma que os internautas passam pelo processo da “cultura do visual”, com o texto da reportagem ficando em segundo plano. Para chegar nessa conclusão, o pesquisador do gênero fez uma análise com três jogos da Copa do Mundo de 2014: Brasil X Croácia, no dia 12 de junho de 2014 (estreia na competição); Brasil X Chile, em 28 de junho de 2014 (confronto das oitavas de final que ficou marcado pelo abalo psicológico dos jogadores) e a derrota por 7X1 para a Alemanha, pela semifinal, no dia 8 de julho de 2014 (considerado o maior fracasso da história seleção brasileira de futebol).

Como resultado, as matérias com mais destaques foram as que tiveram enaltecido o recurso do vídeo e demais mídias, por isso, Frange (2016) afirma que a cultura do visual é determinante para o sucesso do conteúdo. “Mais que o relato, o leitor espera assistir aos gols e principais lances do duelo. É missão do jornalista transmitir, na reportagem, toda a emoção do espetáculo que o futebol, e o esporte no geral, proporcionam” (FRANGE, 2006, p. 69).

Ainda com base nos estudos de Frange (2016), os principais sites esportivos também se apoiam nas matérias chamadas de “caça-cliques”, cujo único foco é o acesso. E a pauta esportiva se enquadra nesse contexto, pelo fato de sua produção tratar o atleta como personagem/celebridade e os seus feitos como grades atos. Dessa forma, o autor entende que detalhes da vida profissional do esportista não são suficientes para satisfazer o consumidor, é preciso que a vida privada seja exposta, como os namoros, presenças em festas, restaurantes e o novo visual, como o novo corte de cabelo.

Análise

Para fazer o comparativo da cobertura do futebol olímpico com o paralímpico no Globoesporte.com ficou definido que a análise fosse realizada no período dos jogos Rio 2016, no caso, 3 a 21 de agosto (Olimpíadas) e 7 a 18 de setembro (Paralimpíadas), com a coleta de todas as matérias sobre futebol. Com o material reunido, o foco da pesquisa se concentrou em detectar as semelhanças e diferenças na cobertura olímpica, com o futebol convencional, e na paralímpica, com o futebol de cinco e futebol de sete.

Mas para isso foi necessário estabelecer três objetivos específicos. O primeiro correspondeu em verificar a quantidade de matérias sobre futebol e o enfoque temático das mesmas. Num segundo passo, o trabalho consistiu em detectar a estrutura das reportagens. Por fim, averiguar a forma como que o jogador de futebol foi representado no portal Globoesporte.com.

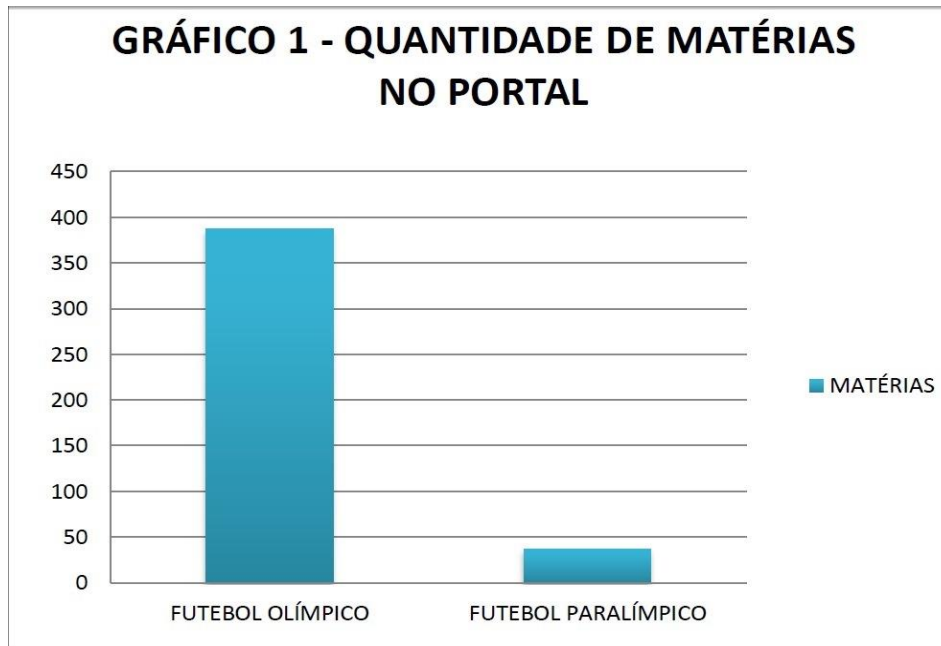
Neste caso, a pesquisa se caracteriza por ser quali-quantitativa. O conceito de ambas é descrito por Tatiana Gerhardt e Denise Silveira (2009). Conforme as autoras, a pesquisa qualitativa busca a explicação dinâmica das relações sociais e de um determinado fenômeno. Por sua vez, a quantitativa, como já diz o nome, quantifica os resultados. Gerhardt e Silveira (2009) destacam que o material coletado é tratado como o retrato real de toda a população alvo da pesquisa.

Em meio do processo quali-quantitativo, o procedimento utilizado é de análise de conteúdo. Conforme Laurence Bardin (1977), trata-se de um conjunto de técnicas, embasados por procedimentos sistemáticos. E como se trata de uma análise documental, no caso as reportagens do Globoesporte.com, a pesquisa também apresenta métodos descritivos que, segundo Augusto Triviños (1987), são caracterizados pela necessidade da investigação reunir uma série de informações para obter resultados.

Quantidade de matérias

Este primeiro objetivo é dividido em dois eixos. O primeiro compreende em exibir o número de matérias publicadas sobre futebol olímpico, no Globoesporte.com, entre 3 e 21 de agosto de 2016, e paralímpico, entre 7 e 18 de setembro do mesmo ano. Já a segunda parte quantifica o enfoque temático dessas matérias em cinco categorias: jogos (quando as reportagens têm como abordagem as partidas do campeonato); preparação (coberturas dos treinamentos e coletivas de imprensa em véspera das partidas);

personagens (matérias que trazem histórias de vida e relatos pessoais do desportista); extracampo (assuntos que acontecem paralelos ao jogo, que estão ligados indiretamente com a competição) e “outros” (acontecimentos da vida privada e demais temas que não fazem parte do contexto das partidas).



Fonte: Autor

Em linhas gerais há uma grande diferença entre o número de matérias dos dois tipos de futebol, no Globoesporte.com. No futebol olímpico, o período de 3 a 21 de agosto teve a postagem de 387 matérias. No caso das Paralimpíadas, o período de 7 a 18 de setembro totalizou a publicação de 37 notícias – 21 foram dedicadas ao futebol de cinco e 16 ao futebol de sete. Num comparativo, as Olimpíadas têm 1045,9% de matérias a mais que as Paralimpíadas, no futebol. Vale lembrar que o segundo torneio teve menor duração. Enquanto os jogos Olímpicos aconteceram durante 19 dias, a Paralimpíada transcorreu em 12. Mesmo assim, a diferença de cobertura ficou notória.

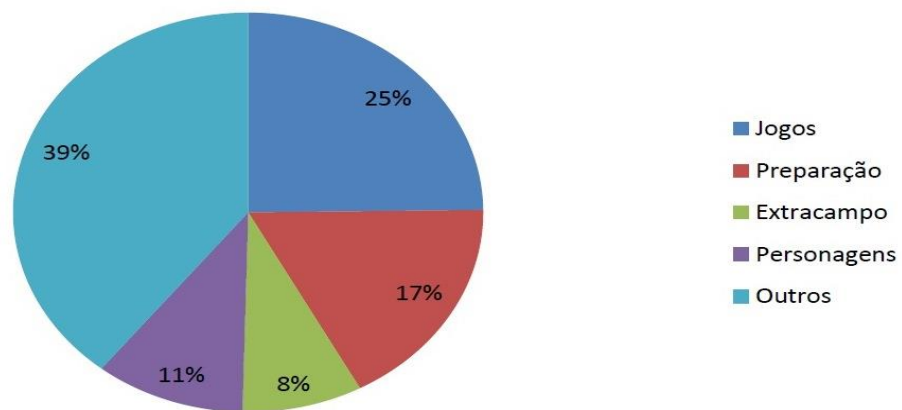
Durante o período olímpico, o Globoesporte.com postou, diariamente, em média 20 matérias. Os dias que tiveram mais publicações foram 4 e 20 de agosto, com 40 cada, justamente na estreia da seleção brasileira contra o Iraque e na final contra Alemanha, respectivamente. Os dois jogos tinham maior significância do que os demais. O do dia 4 pelo simples fato de ser a primeira partida da equipe; e o do dia 20, também por razão

óbvia: a final do torneio. Já o dia com menos matérias foi 12 de agosto, com 10. Na data, não tinha nenhum duelo da seleção brasileira masculina ou feminina.

Nas Paralimpíadas, o cenário é outro. A média diária de postagens no Globoesporte.com é de três matérias. O dia com mais publicações foi em 17 de setembro, com cinco reportagens, pelo fato de ter sido a data das finais do futebol de cinco e de sete. Dessas, três matérias foram alusivas ao futebol de cinco, pois o Brasil, no dia, acabara de conquistar a medalha de ouro, com uma vitória diante do Irã, por 1X0. A data com menos matérias foi 18 de setembro, o último dia dos jogos, quando foi registrada apenas uma postagem. Subtende-se que o motivo é de que os torneios de futebol já haviam acabado. A matéria abordava o fato de Ricardinho, jogador da seleção de futebol de cinco, ser o porta-bandeira da delegação paralímpica do Brasil na cerimônia de encerramento.

Enfoque temático

GRÁFICO 4 - OLIMPÍADAS



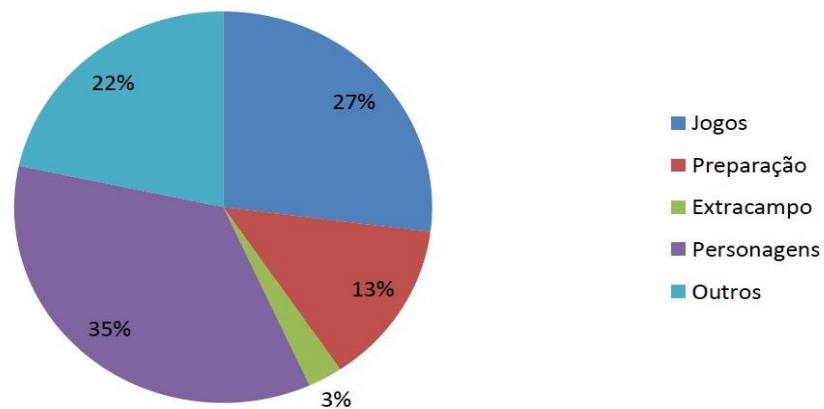
Fonte: Autor

Sobre o enfoque temático das reportagens do Globoesporte.com, nas Olimpíadas, as estatísticas evidenciam que, das 387 reportagens, a categoria “outros” (temas que fogem do campeonato em si) lidera, com 152 (39%) textos. O efeito tem como base a abrangência do tema, bem como a procura por pautas que mostrem o comportamento dos jogadores de futebol nas redes sociais. A situação se extrapola ao fato do portal

também destinar cobertura para a vida privada dos familiares e esposas,/namoradas dos jogadores. Eis que se aplica o conceito de Frange (2016), das pautas “caça-cliques”.

Em segundo lugar aparecem as pautas relacionadas aos jogos em si, com 96 (25%) matérias. Em terceiro, assuntos que envolvem a preparação das equipes, com 67 reportagens (17%). Na quarta posição, notícias com enfoque temático de “personagens”, totalizando 10 (10%). Por fim, na quinta colocação, tema “extracampo”, com 32 matérias (8%).

GRÁFICO 5 - PARALIMPIADAS



Fonte: Autor

No caso das Parolimpiadas, os materiais de personagens lideram as estatísticas, com 13 reportagens (35%). A categoria fica em primeiro pelo fato dos repórteres terem buscado histórias com discursos voltados para a superação e o rendimento do paratleta perante as limitações impostas pela deficiência, o que, inclusive, é um fato que gera críticas de vários pesquisadores do segmento esportivo. Em segundo lugar vem à categoria “jogos”, com 10 matérias (27%), seguida de “outros”, com oito (22%); “preparação”, com cinco (13%) e “extracampo”, uma (3%).

Estrutura

A respeito da estrutura das matérias veiculadas no Globoesporte.com, sobre futebol olímpico e paralímpico, um dado que chama a atenção é a quantidade de perfis na

modalidade paralímpica. Nas Olimpíadas, das 387 matérias, apenas uma (0,25%) se caracteriza como um “perfil”. No caso, é uma reportagem publicada no dia 19 de agosto de 2016, às 6h, intitulada “456 eterno: Renato sai da janela para saltar no ponto dourado do Maracanã”. O material conta a história de vida do meio-campista da seleção, Renato Augusto.

Nas Paralimpíadas, o número de matérias de perfil é bem maior. Das 37 reportagens, 11 foram caracterizadas como texto de perfil, o que representa 29,7% do total. Durante a cobertura dos jogos, os repórteres utilizam o recurso como forma de apresentação dos jogadores, visto que o acompanhamento desses esportes, nos quatro anos que antecedem as Paralimpíadas, é quase nulo. Por isso, os materiais postados são mais didáticos, explicativos. É lógico que as matérias do futebol convencional trazem detalhes históricos e informações mais aprofundadas, contudo, a diferença é de que o conteúdo não parte do princípio básico de que o público desconheça a modalidade.

Quanto à cobertura dos jogos, o sistema no futebol paralímpico é semelhante ao olímpico. As matérias iniciam com um resumo da partida e as projeções para o decorrer do torneio. Após, a narrativa obedece a uma cronologia dos principais lances e fatos da partida. Nas horas seguintes, o assunto tem desdobramentos, com novas matérias de coletivas de imprensa e manifestações de jogadores, membros das comissões técnicas ou dirigentes.

Uma diferença a ser destacada é a do acompanhamento das seleções. Na Olimpíada, as reportagens traziam novidades diárias de todas as seleções envolvidas no torneio de futebol. Isso no masculino e feminino. Já nas Paralimpíadas, a cobertura da rotina de treinos ficou restrita apenas à seleção brasileira.

Em termos de características do webjornalismo, conforme o estudo feito nesta investigação, os conceitos que mais se destacam são os de multimídia e hipertextualidade. O aspecto multimídia está presente em todas as matérias dos jogos Olímpicos e Paralímpicos. Várias delas têm vídeos, com trechos de entrevistas e lances das partidas. As fotos são distribuídas ao longo das matérias, como forma de “quebra” do texto. Nessa linha de raciocínio se aplica a concepção de Frange (2016), da “cultura visual”, em que os vídeos e fotos acabam tendo mais peso que o texto. Já as atualizações das matérias ocorriam numa média de duas horas. Em muitos casos novos vídeos e depoimentos de jogadores eram adicionados.

Quanto aos hiperlinks, as interligações eram frequentes nas matérias, permitindo, assim, que os textos fossem mais leves e que o internauta pudesse navegar livremente. Nas matérias do Globoesporte.com, os hiperlinks apareciam de duas formas: ou em palavras-chaves e frases no meio do texto ou por uma sessão, denominada “saiba mais”, que abrangia a tabela do torneio e reportagens especiais.

Em matéria publicada no dia 6 de agosto de 2016, sobre a lesão de Cristiane na coxa direita, há vários exemplos do uso do hiperlink. Logo na primeira linha do texto há um no trecho em que diz que aos 24 minutos do primeiro tempo, Cristiane balançou as redes, na goleada do Brasil sobre a Suécia, tornando-se a maior artilheira do futebol olímpico. Se clicar no trecho da goleada do Brasil sobre a Suécia, o internauta é direcionado para a matéria que cobre em específico o jogo.

Representação do jogador de futebol no portal

Nas matérias postadas, no Globoesporte.com, durante as Olimpíadas, o destaque fica para a busca incessante por pautas relacionadas ao Neymar. O fenômeno social se explica pelo fato do jogador brasileiro atingir status de ídolo. Rangel (2013) argumenta justamente que os responsáveis pelo espetáculo esportivo são transformados em heróis pela sociedade, e que o fascínio alcança tamanha proporção que o leitor não fica satisfeito a apenas obter informações do que acontece dentro dos gramados, ele quer saber também dos detalhes da vida privada do atacante.

Ao checar as matérias publicadas durante os 19 dias de Olimpíadas, percebe-se que basta Neymar se manifestar sobre qualquer assunto que a fala virava pauta na cobertura olímpica. No primeiro dia de competições, em 3 de agosto de 2016, Neymar mandou mensagem de apoio à seleção brasileira feminina. O tema virou notícia e, inclusive, se desdobrou numa comparação entre o atacante e Marta, que, por sinal, é a referência nas pautas sobre futebol feminino, mas com menos intensidade de conteúdo.

Nesse quesito de celebridade, a cobertura jornalística também abrange o que fazem os familiares e pessoas próximas de Neymar. No dia 20, após a vitória, nos pênaltis, sobre a Alemanha, na final da Olimpíada, o Globoesporte.com postou uma matéria que relata que Bruna Marquezine, ex-namorada do atacante, se emociona com ouro inédito e ganha um abraço de Neymar. O fato não tem nenhuma influência ou envolvimento com o futebol olímpico, contudo, trata-se da ex-namorada de Neymar e, além disso, de uma atriz global. Esses tipos de pautas, segundo Frange (2016), são rentáveis

financeiramente para a empresa jornalística, pelo alto volume de acessos. Por isso, aparecem com frequência nos principais portais de internet do país.

No caso dos demais atletas olímpicos de futebol, a construção acontece dentro da normalidade, com pautas voltadas para a atuação dentro de campo. No feminino, não é diferente, com exceção de alguns episódios, entre eles o da goleira dos Estados Unidos, Hope Solo, alvo de polêmica ao postar, na véspera das Olimpíadas, uma foto no Instagram, com um “arsenal” de combate à zika, doença transmitida pelo mosquito da dengue. O tema teve uma grande repercussão negativa, tanto que, nos estádios, Solo recebia vaias a cada vez que participava do jogo. O Globoesporte.com publicou várias reportagens sobre o impasse.

A respeito da pauta paralímpica, os paratletas são representados como personagens, exemplos de vida. A deficiência, em muitas matérias, é enfatizada, principalmente no tom de superação. Numa matéria explicativa sobre o funcionamento do futebol de cinco, a ênfase é de “Ricardinho, craque do Brasil, percebe os gols através dos sons”. Na linha de apoio, consta, na mesma frase, o gol do paratleta contra o Marrocos e o momento da vida em que perdeu a visão. Por outro lado, a reportagem tira dúvidas sobre a comunicação dos jogadores com comissão técnica, informações que contribuem para o detalhamento da modalidade.

Mas os critérios estabelecidos para a construção da reportagem e perfil também podem alcançar resultados positivos, principalmente no quesito da função social do jornalismo. Ao publicar histórias de vida, o Globoesporte.com também identificou as dificuldades vivenciadas pelos paratletas de futebol sete para aliar a prática esportiva com a rotina diária de trabalho, pois, muitos deles são semiprofissionais, por não conseguirem se manter financeiramente apenas com o futebol.

Um exemplo de personagem dessa realidade é Zeca, jogador mais velho (38 anos) da seleção brasileira de futebol sete. Conforme reportagem publicada no dia 10 de setembro de 2016, nos primeiros anos como paratleta, o jogador teve que dividir o dia entre treinos e atividades paralelas, como ascensorista de elevador, ajudante de pedreiro, ajudante de cozinha e entregador de quentinhas em uma universidade do Rio de Janeiro. Foi após ter ingressado na Associação Niteroiense dos Deficientes Físicos (Andef) que Zeca passou a se dedicar com exclusividade à prática do futebol paralímpico.

Considerações finais

O resultado do questionamento aponta para uma perspectiva de poucas semelhanças e várias diferenças. No primeiro objetivo específico, que consistiu em comparar a quantidade e o enfoque temático das matérias publicadas sobre futebol nas Olimpíadas com os textos desta modalidade nas Paralimpíadas, percebe-se uma maior dedicação dos jornalistas para o futebol olímpico. De um lado, a média diária de pautas sobre futebol olímpico era de 20. Em dois dias, inclusive, o número dobrou para 40. Já no paralímpico, a média diária era três. O recorde foram cinco pautas. A estatística revela o cenário constatado pelos pesquisadores, do pouco espaço para o esporte paralímpico, mesmo que apresente resultados justificáveis para uma maior divulgação.

No segundo objetivo, que era verificar a estrutura e a linguagem das matérias publicadas, em termos de características do webjornalismo, a cobertura atende as regras, com o uso de recursos multimídia e, principalmente, de hiperlinks. Com isso, o internauta podia acessar tabelas e demais matérias da competição, ficando bem informado do assunto. Nas Olimpíadas, prevaleceu a factualidade, com acompanhamento diário dos treinos não apenas da seleção brasileira, mas de praticamente todas as equipes que disputaram o torneio de futebol. Muitas matérias também se originavam das tradicionais coletivas de imprensa que aconteciam diariamente.

No caso das Paralimpíadas, várias matérias adotaram o estilo de perfil. Reportagens com viés de exemplo de vida e discursos de superação foram predominantes durante o período. Um detalhe do primeiro dia foram pautas que explicavam as regras básicas do futebol de cinco e sete, histórico da seleção brasileira e os principais jogadores. A ação demonstrou a falta de acompanhamento da modalidade nos quatro anos que antecedem à Paralimpíada. Grande parte da população tinha pouco conhecimento sobre o esporte e o portal acabou se obrigando a contextualizar a prática.

E no terceiro e último objetivo, de analisar a representação do jogador de futebol no portal, se confirmou o previsível. Com popularidade, os jogadores da seleção olímpica eram tratados como celebridades. O principal caso é o de Neymar, que gerou várias pautas por dia nos portais de internet. Já os atletas da Paralimpíada, sem tanto prestígio, eram apresentados nas reportagens para o público. Das matérias, apenas uma fez referência ao virtuosismo da seleção de cinco, quando foi chamada de “Dream Team”,

já que desde que o futebol de cinco foi implantado em Paralimpíadas, o Brasil nunca perdeu.

Com a análise do Globoesporte.com, a conclusão dessa pesquisa é que o tratamento da mídia, em relação ao esporte paralímpico, mais especificamente o futebol, é bem distinto, mesmo com os resultados recentes da seleção brasileira. A predominância pelo futebol olímpico faz parte da cultura da população, no entanto, se a busca é por uma sociedade cada vez mais inclusiva, igualitária e justa, é preciso que o esporte paralímpico seja valorizado. E a mídia é uma ferramenta fundamental nesse processo, entretanto, são necessários vários cuidados na divulgação, um deles é de que a deficiência não se sobressaia ao aspecto técnico, competitivo. Democratizando o espaço para essas modalidades, os princípios sociais que regem os jogos Olímpicos estarão sendo colocados em prática.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Paris: Edições 70, 1977.

CARDOSO, Marcelo. **Jornalismo Especializado em Esportes**: uma discussão para ampliar conceitos e autores. Trabalho apresentado no XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, São Paulo, 5 a 9 de setembro, 2016.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo Digital**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

FRANGE, Marcelo Bechara Souza Nassar. **A Produção do Jornalismo Esportivo na Internet**. Curitiba: Appris Editora, 2016.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2009.

MALULY, Luciano. **Jornalismo Esportivo**: desafio e propostas. Trabalho apresentado no XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Caxias do Sul, 2 a 6 de setembro, 2010.

RANGEL, Patrícia. **A Mídia e a Construção do Herói Esportivo**: análise da Revista Placar com Neymar crucificado. Trabalho apresentado no XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Manaus, 4 a 7 de setembro, 2013.

REGES, Thiara Luiza da Rocha. **Características e gerações do webjornalismo**: análise dos aspectos tecnológicos, editoriais e funcionais. Universidade da Beira do Interior (FASB), 2011.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TUBINO, M.J.G.; TUBINO, F.M.; GARRIDO, F. A.C. **Dicionário enciclopédico Tubino do esporte**. Rio de Janeiro: SENAC, 2007.